

ECOS FEMININOS NA ECO 92

NAUMI A. DE VASCONCELOS

Realizou-se no Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de 27 a 29 de maio do corrente ano, um Seminário Internacional sobre Gênero, Desenvolvimento e Meio Ambiente¹, coordenado pelo EICOS e pelo CIEC, integrando a Rio-Ciência 92². Ocorrendo exatamente a uma semana do início oficial da ECO 92, representou a presença antecipada da universidade brasileira na conferência.

O seminário superou todas as expectativas, com sessões das mais concorridas entre todas as que compuseram o evento maior, a Rio-Ciência. Embora aberto ao público de ambos os sexos, quase só o feminino esteve presente, como acontece sempre que as discussões dos papéis sexuais estão em causa. Fora isso, o seminário atingiu aquela perfeição, que havendo sido prometida aos homens, não hesitou em agraciar as mulheres de boa vontade.

Boa vontade, no sentido forte do termo – vontade boa, querer que se efetue, afirmação da possibilidade de ser mulher. Vontade tão grande, que estudos sobre gênero exigem oportunidades de se efetuem, dentro da universidade brasileira. Que existe nela um acervo considerável de produção na área, animado por uma decisão em compartilhá-lo. Um querer que não mais se ignora e que pode responder, em nossos dias, à célebre questão de Freud "o que as mulheres querem?". Pois bem, elas querem. Agora, elas querem; antes, como falar no querer da mulher, quando ele ainda não se punha como ato de vontade, de vontade boa? Por essa vontade, o sujeito mulher se torna seu próprio motivo e objeto de reconhecimento.

Efetivamente, o seminário mostrou àqueles que ainda fantasiavam que o feminismo consiste primordialmente em atacar os homens, que outros são os interesses do reconhecimento atual da mulher pela mulher, e que já estão ficando para trás os dias em que esse reconhecimento encontrava-se queixosamente estagnado pela dependência da sanção masculina. Libertar-se dessa dependência, liberou também a queixa e abriu um espaço de autonomia onde, justamente, a vontade da mulher pode se exercer.

-
1. Coordenado por Maria Inácia D'Ávila do Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidade e Ecologia Social – EICOS – e Heloisa Buarque de Hollanda, do Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos – CIEC.
 2. RIO-CIÊNCIA 92, promovida pela SBPC, Academia Brasileira de Ciência e Universidade Federal do Rio de Janeiro, no quadro de atividades previstas por ocasião da RIO 92.

Nova ética de gênero que, liberada pela mulher, pode transformar as relações entre os sexos dentro da sociedade e entre os corpos sexuados. Tudo isso esteve muito presente nas comunicações apresentadas, com raras exceções, como a da representante de comunidades indígenas. Ao enfatizar o papel salvífico das mulheres ali, Eliane Potiguara mostrou que tão falacioso quanto a queixa contra os homens pode ser o que parece seu contrário, ou seja, a simpatia por suas mazelas (bebedeiras, ociosidade, violência), atribuídas ao sistema. É o que acontece quando se permanece na ótica do gênero como categoria natural, subordinada e menor que as grandes categorizações de raça e classe.

Aliás, o que a nova *epistème* feminista demonstra é a transversalidade do gênero naquelas categorizações, aprofundando, com a antropóloga francesa Nicole Claude-Mathieu, a crítica às ideologias subjacentes, tanto naquelas categorizações, quanto na de gênero. "Ideologias que testemunham o sexo social e o fato de a anatomia ser política"³.

A comunicação de Danièle Charest, escritora canadense, seguiu essa mesma linha, denunciando uma ideologia ecológica, perigosa para as mulheres, na medida em que "faz parte de um movimento de balanço, onde um dos elementos – o meio ambiente – ocupa o espaço social de maneira a enfraquecer a realidade da apropriação das mulheres e o questionamento fundamental da estrutura do sistema heterossocial"⁴. Levou adiante sua crítica – essa arte da suspeita – que, a incidir sobre a febre ambiental, adverte sobre o que ela carrega de insalubre – "uma distância ainda maior entre populações favorecidas e aquelas que não podem se pagar saúde" –; uma insistência na limpeza e na pureza da qual sabemos as possíveis implicações sinistras; uma individualização crescente, na medida em que é aos indivíduos que a propaganda ecológica se dirige primordialmente; uma fiscalização dos atos anti-ecológicos do outro (como fumar), sem que isso se estenda aos responsáveis industriais pela poluição. "Se a individualização tem por objetivo desviar a atenção e a consciência dos indivíduos do aspecto social das grandes problemáticas, ela também exerce o mandato de dar a esse mesmo indivíduo a ilusão da existência do poder... individual, através do controle e da delação dos infratores ecológicos. A sobrecarga recai sobre as mulheres na resolução dessa problemática: zelar para que as refeições sejam mais naturais, realizar uma economia doméstica ecológica, aproveitando cascas de legumes etc.

As relações entre ciência e tecnologia e seu impacto atual sobre a mulher foram brilhantemente analisados por Nádya Regina Barros de Lima, Alice Rangel Abreu e Edialeida Salgado Nascimento, enquanto à fala vibrante

3. Claude-Mathieu, Nicole. *L'anatomie politique*: Côté-femmes Éd., Paris, 1991.

4. Citações tiradas da comunicação de Danièle Charest, "Environnement".

te de Vandana Shiva e de Rosiska Darcy de Oliveira se juntavam, em contraponto, as construções teóricas desenvolvidas por Sandra Mara Garcia, Sonia Calió, Sonia Correa e Mate Kovacs sobre o tema comum Mulher e Meio Ambiente, concerto a que Darcy Ribeiro dá um final *allegro molto e vivace*.

Os três dias do seminário trouxeram, também, a fala emocionada de Ariel Saleh e de Maria Garcia Añon, acompanhadas pela sensível comunicação de Ettore Gelpi sobre o tema Desenvolvimento Econômico e Cultural e Relações Sociais de Gênero, assim como as contribuições de Danièle Charest, Eliane Potiguara, Heleieth Saffioti, Sohnya Sayres e Karen Warren, elenco tão diverso a mostrar o quanto se pode variar sobre o mesmo tema; o do eco-feminismo.

Voltando ao espaço do seminário e tentando completar a visão, ou melhor a audição, abrangente e necessariamente resumida do que ali se falou, a palavra imediata que nos vem é impasse. Palavra que encerra tão dialeticamente o desafio e a percepção do limite. Num impasse, a vontade de chegar, de vencer, ou de convencer, se surpreende impossibilitada, como num jogo, não há xeque-mate e a linguagem popular o define como beco sem saída. O importante a notar é que, tanto num jogo, como num beco, o impasse ocorre por obstinação, por falta de uma percepção mais englobante da situação. O impasse obriga a parar, a revisar as estratégias empregadas. Convida a um alargamento de visão. Não é fácil chegar a um impasse e seu aparecimento deve ser saudado como um avanço: aquele jogo, em que habitualmente se ganhava, ou se perdia, dentro de alternativas rotineiras, mudou subitamente seu desenrolar; outros jogadores, outras técnicas, outras pedras; outro tabuleiro, outro tempo estão a exigir de nós um posicionamento novo.

Foi isso que o seminário demonstrou: a percepção de um impasse dentro do discurso feminista atual, percepção que saudamos como um de seus melhores resultados.

Impasse, a começar do próprio título do seminário, Gênero, Desenvolvimento e Meio Ambiente, posto que a articulação desses três temas mostrou ser difícil. Três temas e não três categorias, porque essa mesma dificuldade de articulação refluíu sobre cada tema, indicando a dificuldade de categorizá-los isoladamente, como se tem feito.

Impasse, quanto à configuração do gênero, do ser mulher, das diferenças entre os sexos. Desde o pós-modernismo de Sohnya Sayres, que desconstrói as conceptualizações a respeito, passando pela dispersão sexual de Ariel Saleh – não confundam, trata-se simplesmente da impossibilidade de fixar o sexo em apenas um de seus aspectos! – chegando à crítica radical de Danièle Charest, que estabelece uma diferença entre mulheres e lesbia-

nas, deparando-se logo depois com a afirmação filo-genética de uma participante: "a mulher é a fêmea da espécie humana".

Impasse, quanto à configuração de meio ambiente, predominantemente identificado com a natureza, faltando, a não ser pela fala de Sonia Calió, maiores referências ao espaço construído. Assim, a noção de vida, que subentende a de natureza, deu margem a muita controvérsia, opondo um discurso biocêntrico a um discurso ético capaz de dar novo sentido à vida. E aqui, os impasses metodológicos foram notáveis, ora veiculando um formalismo acadêmico, ora caminhos onde o sentimento inaugurava uma maneira outra de ver a questão ecológica e que foram identificados, um pouco apressadamente, como essencialistas. Vêem-se ali, preferentemente, caminhos poéticos, no sentido de *poiêsis* (criação, construção), tal a fala de Vandana Shiva.

Impasse, quanto à configuração de uma intervenção feminista no desenvolvimento social, quanto à autonomia dessa intervenção. Algumas participantes insistiam na necessidade de a mesma só se efetivar se compartilhada pelos ou com os homens, ao passo que Nicole Claude-Mathieu via nessa insistência um equívoco – a luta da mulher só podendo ser levada pela própria mulher, o que não significa que não se reivindiquem os recursos para efetivá-la, detidos pelos homens.

Impasses que, felizmente, surgiram para estimular estudos sobre gênero e sobre mulher, mostrando a necessidade de um maior intercâmbio entre ambos assim como a necessidade de uma interdisciplinaridade feminista, capaz de superar o vício das irredutibilidades dos discursos e dos métodos, em favor de uma escuta da diferença, da nossa diferença.

Uma coletânea, programada pelo EICOS, reunirá toda essa produção, num volume a ser proximoamente editado.